

Kurt Gossweiler

Sobre o papel de Stáline e a quota-parte do revisionismo de Khruchov na destruição da União Soviética

Desde que comecei a pensar politicamente – graças a minha mãe e ao seu segundo marido, ambos militantes do KPD desde 1927 – ou seja, desde o meu décimo ano de vida, que a União Soviética era para mim o país da minha admiração e a pátria de todos os comunistas.

Mas isso não significa de maneira nenhuma que, no decorrer dos tempos, a confiança na URSS e na sua direcção não fosse submetida a provas de resistência.

Para mim e para os meus camaradas do KJVD clandestino, os processos de Moscovo foram a primeira dessas provas. Nessa altura tivemos uma discussão com um jovem que se desviara para os trotskistas e que, já nessa época, dizia o que, mais tarde, depois das reabilitações dos condenados naquele período feitas por Khruchov e Gorbachov, passou a pertencer ao repertório estandardizado de todos os «renovadores» e «reformadores» de vários partidos comunistas e ex-comunistas, que entretanto mudaram de nome: que todos os condenados eram naturalmente inocentes, que só morreram porque se encontravam no caminho de Stáline para o poder absoluto.

Também já nessa altura este jovem trotskista evocava o agora e sempre citado suposto «testamento» de Lénine, no qual preveniu contra Stáline.

Naturalmente que não tínhamos qualquer possibilidade de comprovar tudo isto. Mas para verificar se a nossa confiança na URSS e em Stáline era justa, existia um método muito simples e simultaneamente convincente: avaliar a acção da URSS e de Stáline na luta contra o fascismo!

No Verão de 1936 Franco iniciara o seu *putsch* contra a frente popular espanhola, dando assim o sinal de partida para a intervenção da Alemanha fascista e da Itália de Mussolini em Espanha, que foi um ensaio geral da planeada grande guerra. Assim, a posição perante a guerra de Espanha tornou-se a pedra-de-toque para avaliar a posição dos estados, partidos ou personalidades individuais perante o fascismo. Como é conhecido só houve um Estado em todo o mundo que ajudou a República Espanhola contra Hitler e Mussolini, e não foi a vizinha França com o seu governo de frente popular como também não foram a Inglaterra ou os EUA – todos estes, com a sua hipócrita política de não-ingerência, ajudaram objectivamente Franco, Hitler e Mussolini a asfixiar a República Espanhola. Só a URSS ajudou o povo espanhol e os voluntários das Brigadas Internacionais com armas e soldados. Fez exactamente aquilo que nós esperávamos dela. Não desiludiu a nossa confiança.

A segunda prova de resistência foi em Agosto de 1939 com a assinatura do Pacto de Não Agressão entre a URSS e a Alemanha de Hitler. Eu tinha sido incorporado no serviço de trabalho e estava num armazém de bicicletas na Pomerânia. A maior parte dos «homens trabalhadores» era oriunda da Pomerânia, e mesmo os que não eram nazis de maneira alguma se podiam considerar adversários conscientes do nazismo. Mas comigo estava outro da minha «tropa» de Berlim que, além do mais, vinha de uma casa de comunistas. Rapidamente percebemos que pertencíamos à mesma cor. Um dia, em Agosto, contou-me que o seu pai o visitara no fim-de-semana e lhe tinha dado uma notícia absolutamente inverosímil. Será brevemente assinado – dissera-lho assim – um acordo entre a Alemanha

e a URSS, e que devia preparar-se. De onde o pai obtivera essa informação, não lho tinha dito.

Contudo, eu considerei-a um boato sem fundamento e disse-o ao meu amigo. Mas, depois, veio o 23 de Agosto e aí já não houve mais dúvidas: a URSS tinha de facto assinado um pacto de não agressão com a Alemanha de Hitler! E a imprensa nazi noticiou-o como se se tratasse de uma aliança dirigida contra as potências ocidentais. Que devíamos pensar de tudo isto?

Preocupámo-nos em verificar se havia alguma passagem no texto publicado que ultrapassasse os termos de um acordo de não agressão mútua e lhe conferisse o carácter de uma aliança. Para nosso enorme alívio não existia nenhuma afirmação nesse sentido. Procurando compreender as razões que pudessem ter levado a URSS a dar tal passo, concluímos ambos que, com isso, certamente queria evitar o perigo evidente de um novo acordo de Munique entre as potências ocidentais e a Alemanha de Hitler, que desta vez seria feito à custa da URSS; sabíamos muito bem que tinham não só tolerado o armamento da Alemanha nazi, como o apoiaram com o intuito de poderem direccionar a agressão alemã contra a URSS.

Concordávamos que o pacto permitiria à URSS ganhar tempo. Estávamos certos de que só podia tratar-se de ganhar tempo. Sabíamos que o objectivo mais importante da guerra de Hitler, e dos seus comitentes do capital financeiro, era a destruição do «perigo bolchevista», da União Soviética. E se a Alemanha se virasse de início contra o Ocidente, o objectivo seria unicamente de proteger a retaguarda na guerra planeada contra a URSS.

Também a ocupação dos territórios polacos de Leste pelo Exército Vermelho, em 17 de Setembro, não nos levantou nenhuma dificuldade em concordar e saudar este avanço, apesar de ainda hoje ser condenada como uma violação grosseira do direito internacional, em tons de grande indignação moral pelos chamados «socialistas democráticos» – ou seja, pelos mesmos que mal chegam aos ardentemente desejados cargos governamentais, se prestam a ser lacaios do programa do capital, saqueando as massas trabalhadoras a quem antes prometeram defender dos seus interesses.

Por um lado porque lá onde o Exército Vermelho montava guarda, as tropas alemãs não podiam avançar mais, ou seja, a população ficava protegida de ser pisada pela bota dos fascistas.

Mas mais importante ainda: sabíamos que estes territórios eram os que pertenciam à Bielorrússia e à Ucrânia e tinham sido anexados à força em 1920 pelo regime de Pilsudski, violando o direito internacional. Considerámos um rasgo de génio de Stáline usar as ciladas das potências imperialistas para recuperar pacificamente o que tinha sido arrancado violentamente à Rússia Soviética.

Quando em Outubro de 1940 – já como soldado do exército alemão – tive três meses de férias para estudar, reatei naturalmente a ligação aos camaradas do nosso grupo KJVD. Também eles tinham avaliado os acontecimentos citados exactamente como eu e o meu camarada no destacamento de trabalho.

Nesse tempo complicado e nas condições de isolamento em que nos encontrávamos desde 1933, a nossa posição perante a URSS foi determinada pela confiança que tínhamos, e que nunca fora traída, na direcção soviética. Também estávamos seguros de que, mais cedo ou mais tarde, o exército alemão receberia a ordem para atacar a URSS e que isso seria o princípio do fim do regime hitleriano na Alemanha.

Também neste aspecto a nossa confiança na URSS e na sua direcção não seria desiludida.

No 21 de Junho de 1941, Hitler deu início ao «Plano Barbarossa», ordenando a invasão da URSS. Desde o primeiro dia da guerra até 14 de Março de 1943, data em que passei para o lado do Exército Vermelho, fui um participante obrigado na frente Leste.

Depois de me entregar, fui feito prisioneiro de guerra e enviado para um campo de trabalho, numa turfeira. A vida aí era dura, transformávamos a turfa em material combustível para uma central eléctrica nas proximidades. Andávamos com frequência com calçado roto dentro de água. Mas eu sabia como os prisioneiros de guerra soviéticos eram

tratados pelos alemães, tinha visto feridos serem simplesmente abatidos, que nos «Stalags» na Alemanha eram premeditadamente assassinados em massa, sujeitos a trabalho forçado, à fome e à doença. Nós, pelo contrário, víamos os médicos soviéticos esforçarem-se para salvar a vida de prisioneiros de guerra alemães feridos.

A alimentação no campo nunca era suficiente para matar a fome, mas também sabíamos que a população na aldeia próxima não estava melhor. Houve um Inverno especialmente duro – creio que em 1945 ou 1946 – em que as pessoas da aldeia viram-se na necessidade de misturar cascas de árvore na comida. Nós, mesmo nos piores tempos, encontrávamos sempre nos pratos alguma carne de lata dos fornecimentos dos EUA.

Testemunhei que, também enquanto prisioneiro de guerra, se podia acreditar na palavra de Stáline: «Quando o soldado alemão se rende, é tratado de acordo com os acordos internacionais!». Isto chegava ao ponto – para grande irritação de muitos conterrâneos – de serem cumpridas as disposições que determinavam um tratamento privilegiado dos oficiais.

Passados alguns meses, eu e outros camaradas fomos enviados para estudar na Escola Central Antifascista em Talitsa, na qual nós – dez estudantes no total – depois de terminarmos o curso trabalhámos como professores camaradas-imigrantes.

Fiquei lá até poder regressar à Alemanha no Verão de 1947. Foram anos de estudo intensíssimo, já que tínhamos de assimilar conhecimentos necessários para conduzir seminários e dar aulas de História da Alemanha, da Rússia e da União Soviética, História do Movimento dos Trabalhadores Alemão, Economia Política e Filosofia Marxista-Leninista.

Estes anos na Escola Antifascista foram a minha verdadeira universidade e não exagero quando digo que usufruo ainda hoje do que lá aprendi. Sem isso não me tinha sido possível reconhecer a «khruchoviada» como traição ao marxismo-leninismo e diversão inimiga.

O nosso maior estímulo e também o que nos deu maior satisfação foi a consciência estarmos a contribuir para que nossos conterrâneos, que Hitler tinha utilizado para destruir a URSS, retornassem à sua pátria como antifascistas e assim ajudassem a ultrapassar a pesada herança intelectual e material do fascismo e a construir uma ordem nova, antifascista. Depois do meu regresso à pátria, trabalhei numa direcção concelhia do SED¹ até 1955, altura em que iniciei o meu doutoramento na Universidade Humboldt.

A 5 de Março de 1953, portanto ainda durante o meu trabalho no aparelho do partido, morreu Stáline. Durante a enorme manifestação de pesar que ocorreu em Berlim e no mundo inteiro, ouvi mais de uma vez a pergunta desesperada: «Que será de nós? Como iremos continuar?». Pensei e disse-o nessa altura a alguns camaradas: «Como é possível um marxista colocar tal questão? Outros tomarão o seu lugar e continuarão o seu trabalho, o trabalho de Lénine.»

Mas rapidamente constatei que estava errado, que afinal subestimara o papel da personalidade.

Qual a origem disto? Para mim ainda não era claro, mas fui aprendendo lentamente que o papel da personalidade na sociedade socialista é bastante mais importante do que no capitalismo. No capitalismo seria totalmente impossível que um dirigente partidário ou do Estado, através de uma política de traição à sua classe, conseguisse minar a ordem capitalista e, passo a passo, bocado a bocado, esta deixasse de ser capitalista e tornasse socialista.

No socialismo, porém, não só é possível um tal caminho – minar a ordem socialista e transformar a sua *perestroika* numa via para o capitalista através de uma política de traição de classe na direcção do partido e do Estado – como este processo foi iniciado por Khruchov e concluído com êxito por Gorbachov. Como foi possível?

Na verdade, todos conhecemos a explicação, mas não a consciencializamos. O capitalismo é um sistema que se auto-regula, a cujas leis as pessoas estão sujeitas. O socialismo é na teoria e na prática uma ciência. A construção socialista tem, por isso, de ser

¹ SED - Partido Socialista Unificado da Alemanha (nota do editor).

feita cientificamente, ou seja, o político e o economista têm de conhecer as leis do desenvolvimento da sociedade e as leis económicas do socialismo e basear nelas a sua política.

Ou dito de outra forma: enquanto que o processo de aparecimento e desenvolvimento do capitalismo é um processo espontâneo, o processo de construção e desenvolvimento do socialismo é um processo consciente, organizado.

Isso significa que as qualidades de direcção das personalidades dirigentes desempenham um papel decisivo no destino, no êxito ou fracasso da construção socialista.

Isso significa também que os políticos imperialistas possuem meios mais diversificados e eficazes para influenciar o desenvolvimento político nos países socialistas do que o contrário. O sistema socialista pode ser paralisado ou até destruído através da infiltração de agentes do imperialismo no seu aparelho de poder ou da corrupção de pessoal dirigente, enquanto que o sistema capitalista só pode ser superado através da luta das massas.

A burguesia sabe manifestamente mais do que nós sobre a importância especialmente grande das personalidades revolucionárias na vitória do socialismo. Por isso, os planos de assassinato dos dirigentes mais capazes, populares e incorruptíveis dos partidos comunistas e do movimento anti-imperialista fazem parte do quotidiano dos serviços secretos imperialistas nos seus esforços para desagregar movimentos revolucionários e partidos comunistas a partir de dentro.

E daí as grandes esperanças que depositam na morte de chefes revolucionários excepcionais e especialmente populares e, após o seu desaparecimento, os esforços especialmente intensos para influenciar a escolha dos sucessores. Não é por acaso que dividiram os dirigentes dos partidos comunistas em «pombas» a apoiar e «falcões» a combater; mais tarde baptizaram de «anti-stalinistas» e «reformistas» os que deviam ser apoiados e de «stalinistas» e «cabeças de betão» os que deviam ser combatidos e eliminados.

Nas últimas semanas e dias de Lénine, o Ocidente esperava que as lutas de poder após a morte do líder levassem ao enfraquecimento e desagregação do poder soviético. E tinham razões para ter tais esperanças, já que, Trotski, o adversário de decênios de Lénine que só saltou para o comboio da revolução poucos meses antes do seu início, aderindo ao partido dos bolcheviques em Agosto de 1917 no VI Congresso, apostou tudo para se tornar o sucessor do líder.

Se o tivesse conseguido, isso teria significado o fim do partido enquanto partido marxista-leninista e isso significaria o fim do poder soviético. Em oposição a Lénine e à maioria dos camaradas dirigentes, Trotski defendia veementemente a tese de que a vitória e construção do socialismo num só país era impossível.

Lénine escreveu pela primeira vez que a vitória do socialismo era possível num só país, no artigo, *Sobre a Palavra de Ordem dos Estados Unidos da Europa*, publicado em 1915, no jornal suíço, *Sotsial-Demokrat*:

«Como palavra de ordem independente, a palavra de ordem dos Estados Unidos do Mundo, todavia, dificilmente seria justa, em primeiro lugar por que ela se funde com o socialismo; em segundo lugar, porque poderia dar lugar à falsa interpretação da impossibilidade da vitória do socialismo num só país e das relações deste país com os outros.

A desigualdade do desenvolvimento económico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Daí decorre que é possível a vitória do socialismo primeiramente em poucos países ou mesmo num só país capitalista tomado por separado.»²

Logo de seguida Trotski responde com um contra-artigo, em que escreve: «O único argumento histórico mais ou menos concreto contra a solução dos Estados Unidos foi formulado no *Sotsial-Demokrat* suíço na seguinte frase: “A desigualdade do desenvolvimento económico e político é uma lei absoluta do capitalismo.” Daí retirou o

² Citação conforme V.I. Lénine, *Obras Escolhidas em Seis Tomos, Edições «Avante!», 1984, Tomo 2, pág. 271 (nota do editor).*

Sotsial-Demokrat a conclusão de que a vitória do socialismo num só país era possível.» Trotski contestou esta afirmação considerando que era inútil acreditar em «que, por exemplo, uma Rússia revolucionária podia (...) impor-se perante uma Europa conservadora.» (*Trotski, Escritos*, Tomo III, Parte I, pág. 89).

Após a vitória da Revolução de Outubro, todos os revolucionários na Rússia, naturalmente, tiveram a esperança de que o seu exemplo seria seguido pelos trabalhadores noutros países, principalmente na Alemanha. Porém, passada a vaga revolucionária, quando se verificou que a URSS tinha de viver sob o cerco capitalista, as palavras de Lénine de 1915 sobre a possibilidade da vitória do socialismo num só país, sobretudo num país como a Rússia que de certa forma representava um continente, foram o fio condutor para a acção dos verdadeiros bolcheviques.

Trotski, pelo contrário, manteve a sua tese sobre a impossibilidade da vitória do socialismo num só país, sustentando que sem a vitória da revolução mundial, a URSS estava condenada ao naufrágio. A revolução tinha, portanto, de ser «permanente» e, se necessário, levada para Ocidente com as baionetas do Exército Vermelho – ou iria «apodrecer na raiz».

A «teoria da revolução permanente» de Trotski, sob o rótulo de «revolucionária», escondia, na verdade, uma teoria da capitulação no caso de a «revolução mundial» não arrancar rapidamente a revolução russa do isolamento. Era uma teoria simultaneamente aventureira e derrotista e em todo o caso contra-revolucionária. A luta interna que se seguiu teve assim uma importância crucial, já que do seu desfecho dependia a existência do poder soviético.

Porque Stáline combateu decididamente a tese catastrofista da «impossibilidade da vitória do socialismo num país», contrapondo-lhe a tese contrária de Lénine, tornou-se no alvo principal do fogo de Trotski e dos seus correligionários. Ainda hoje a maioria das pessoas acredita que foi Stáline «o inventor da teoria da possibilidade do socialismo num só país», ignorando não só que a teoria é de Lénine, como também são de Lénine os argumentos usados na sua defesa. A este respeito, em 1926, Stáline escreveu no seu trabalho, *Sobre as Questões do Leninismo*:

«Que significa a possibilidade da vitória do socialismo num só país?

Significa a possibilidade de resolver as contradições entre proletariado e campesinato através das forças internas no nosso país, a possibilidade da tomada do poder pelo proletariado e da utilização deste poder para a construção da sociedade socialista no nosso país, com a simpatia e apoio do proletariado de outros países, mas sem a vitória prévia da revolução proletária noutros países. (...)

«Que significa a impossibilidade da vitória completa, final, do socialismo num só país sem a vitória da revolução noutros países? Significa a impossibilidade de uma total garantia contra a intervenção e, conseqüentemente, contra a restauração da ordem burguesa, sem a vitória da revolução, pelo menos, numa série de países.»³

Hoje, não poucas pessoas pensam que a queda da URSS demonstra que Trotski, com a sua tese da impossibilidade do socialismo num só país, afinal tinha razão contra Stáline. Não vêem, porém, que, primeiro, a URSS não naufragou quando ainda era o único estado socialista da Terra, mas sim depois de existirem estados socialistas e estados de orientação socialista em todos os cantos da terra, excepto na Austrália, que nos anos 1948/49 até 1960, até ao corte operado por Khruchov com a República Popular da China e a Albânia, formaram uma comunidade de estados socialistas que correspondia já a um terço do globo terrestre. O problema do socialismo num só país foi assim ultrapassado contra a opinião de Trotski e de acordo com o pensamento de Lénine e de Stáline. E esta gente esquece completamente que só a resistência da minúscula Cuba socialista, debaixo da garra sufocante do seu superpoderoso vizinho EUA e depois da queda do seu principal apoio,

³ Citação traduzida pelo editor do original russo incluído em *I.V. Stáline, Sotcheneni, Gossudarstvenoi Izdatelstvo Polititicheskoi Literaturi, 1949*), Tomo 8, pág 64.

lança no ridículo a teoria da impossibilidade da vitória do socialismo num só país e prova que Trotski nunca compreendeu onde residem as raízes do poder de sobrevivência da revolução proletária.

A luta pelo poder na URSS iniciou-se ainda antes da morte de Lénine. Como se afirma na «desestalinizada» *História do PCUS*, de 1970 (publicada em Berlim em 1971): «Trotski aproveitou as circunstâncias em que se encontrava V.I. Lénine, incapacitado de trabalhar devido à sua grave doença, para reiniciar a sua luta contra o partido. Tinha a esperança de que as dificuldades no país facilitassem os seus planos de chegar à direcção do partido e impor uma linha que teria levado à restauração do capitalismo.» (pág. 423)

Para isso contava principalmente com as notas de Lénine de 23, 24 e 25 de Dezembro de 1922 e 4 de Janeiro de 1923, pensadas enquanto carta dirigida ao próximo XIII Congresso. Nestas notas ressalta a grande preocupação do dirigente com o perigo de os conflitos no partido, principalmente entre Trotski e Stáline, poderem levar à cisão interna. É também aí que faz uma breve caracterização dos principais camaradas da direcção do partido, Trotski, Stáline, Zinoviev, Kamenev, Bukharine e Piatakov, apontando as suas principais qualidades e defeitos.

Apesar de Stáline ser o único cujas posições políticas não suscitam dúvidas a Lénine, o seu modo de se relacionar com os outros é severamente criticado. «Stáline é demasiado rude», escreveu Lénine em 4 de Janeiro de 1923, «e este defeito, que no nosso meio e nas relações entre nós, comunistas, é totalmente tolerável, torna-se intolerável nas funções de secretário-geral. Por isso, proponho aos camaradas que ponderem a forma de retirar Stáline deste posto e designar para este lugar outra pessoa, que em todos os outros aspectos se distingue do camarada Stáline apenas pela única vantagem de, exactamente, ser mais tolerante, mais leal, mais cortês e mais atencioso com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer uma minudência insignificante. Mas eu penso que do ponto de vista da preservação face à cisão e do ponto de vista das relações por mim acima descritas entre Stáline e Trotski, esta não é uma minudência, ou é uma tal minudência que pode adquirir uma importância decisiva.»⁴

A propaganda trotskista afirma até hoje que Stáline ocultou ao partido esta crítica de Lénine. Contudo, o seu verdadeiro comportamento veio a ser descrito da seguinte forma num livro, naturalmente anticomunista, publicado em Moscovo em 1995 com o título, *Stalin. Cartas a Molotov 1925-1936*, editado na Alemanha pela Editora *Siedler* em 1996:

«Só Nadejda Krupskaja, mulher de Lénine, conhecia o conteúdo integral do documento que, depois da morte de Lénine no início de 1924, entregou ao CC juntamente com outros papéis. A direcção do partido decidiu não incluir a carta de Lénine na ordem de trabalhos do XIII Congresso, dando a ler o seu conteúdo a cada uma das delegações. Stáline propôs a sua demissão de secretário-geral, mas não foi aceite. A carta não foi publicada.» (pág. 33 do livro citado).

Publicado foi, porém, o discurso de Stáline sobre *A Oposição Trotskista Antes e Agora*, de 23 de Outubro de 1927, no qual abordou o chamado «Caso Eastman» e afirmou o seguinte:

«Dizem que nesse “testamento”, devido à “rudeza” de Stáline, o camarada Lénine propôs ao Congresso ponderar a questão da substituição de Stáline no posto de secretário-geral por outro camarada. Isto é totalmente exacto. Sim, camaradas, eu sou rude com aqueles que grosseira e traiçoeiramente destroem e cindem o partido. Nunca o escondi nem escondo. É possível que aqui se exija alguma brandura em relação aos divisionistas. Mas eu não sou capaz disso. Logo na primeira reunião do plenário do CC depois do XIII Congresso pedi que o plenário do CC me libertasse das obrigações de secretário-geral. O próprio Congresso discutiu esta questão. Cada delegação discutiu esta questão, e todas, unanimemente, incluindo Trotski, Kamenev, Zinoviev, *obrigaram* Stáline a permanecer no seu posto.

⁴ Esta citação e seguintes da *Carta ao Congresso* foram traduzidas pelo editor do original russo incluído em *V.I. Lénine, Polnoe Sobrannie Sotcheneni*, 5.ª edição, *Institut Marksizma-Leninizma pri TsK KPSS, Moskva*, 1970), Tomo 45, pág. 343-348.

Que podia eu fazer? Fugir do meu posto? Isso não está no meu carácter, nunca fugi de nenhum posto e não tenho o direito de fugir, porque isso seria deserção (...) Um ano depois voltei a pedir ao Plenário que me desobrigasse das minhas funções. Mas obrigaram-me de novo a permanecer no posto. Que mais poderia ainda fazer?

No que diz respeito à publicação do «testamento», o Congresso decidiu não o publicar uma vez que era dirigido ao Congresso e não foi destinado à imprensa.»⁵

Na verdade não era Stáline, mas sim outros, que tinham razões para rejeitar a publicação do «testamento». Lénine apontara o «não-bolchevismo» de Trotski, lembrara quanto a Kamenev e a Zinoviev «que o episódio em Outubro» não tinha sido «nenhum acaso» – (em Outubro de 1917 ambos revelaram na imprensa burguesa a data decidida pela direcção do partido para o início da revolta armada, traição pela qual Lénine exigiu, nessa época, a sua expulsão do partido); e sobre Bukharine notara que sendo «legitimamente considerado como o favorito de todo o partido», «as suas concepções teóricas só com as maiores dúvidas podem ser consideradas como inteiramente marxistas».

Todavia, Trotski utilizou a recomendação de substituir Stáline no posto de secretário-geral para divulgar a ideia de que Lénine o teria supostamente indicado a ele como seu sucessor na direcção do partido. Para esse objectivo o livro, *Since Lenin Died*, publicado em 1925 pelo jornalista americano e simpatizante trotskista, Max Eastman, foi um importante contributo. Sobre este Eastman e o seu livro, Stáline afirmou no discurso acima citado:

«Há por aí um certo Eastman, um ex-comunista americano que foi expulso do partido. Este senhor, tendo andado em Moscovo nos meios trotskistas e recolhido alguns boatos e invenções a propósito do “testamento” de Lénine, foi para o estrangeiro e publicou o livro intitulado, *Depois da Morte de Lénine*, onde não poupa nas cores para denegrir o partido, o Comité Central e o poder soviético, e em que tudo é construído na base de que o CC do nosso partido «esconde» supostamente o «testamento» de Lénine. Como este Eastman manteve em certa altura contactos com Trotski, nós, os membros da Comissão Política, propusemos a Trotski que se demarcasse de Eastman, já que este, agarrando-se a Trotski e citando a oposição, tornava-o responsável pelas calúnias contra o nosso partido relativamente ao “testamento”. A questão era tão evidente que Trotski se demarcou efectivamente de Eastman, enviando a correspondente declaração à imprensa. Foi publicada em Setembro de 1925, no número 16 do *Bolchevik*.»⁶

Sobre estas «revelações» de Eastman, o co-editor [na Alemanha] das *Cartas de Stáline a Molotov*, publicadas em 1995, refere o seguinte:

«As interpretações ocidentais anteriores partiram sempre da ideia de que o livro de Eastman “transcreve correctamente” “longas passagens” do testamento. Quando li *Since Lenin Died*, constatei para meu espanto que isto está longe da verdade. Eastman reproduz o testamento não só de forma fortemente desfigurada como, principalmente, todas as suas deturpações servem claramente um objectivo político, que é formulado com precisão na conclusão do seu livro: os revolucionários de todos os países deveriam lembrar-se de que “eles não elogiaram e não aceitaram em nome do ‘leninismo’ a autoridade internacional de um grupo, contra quem Lénine avisara nas suas últimas palavras, e que ocultou os textos importantes de Lénine para manter a sua autoridade.”

Eastman apresenta o testamento como uma “prova directa do prestígio de Trotski”. Mas só se pode tirar esta conclusão se se omitir as afirmações positivas sobre outras personalidades dirigentes e os comentários negativos sobre Trotski. Contudo, a culpa por este erro não pode ser atribuída, em primeiro lugar, a Eastman, já que este se baseia “em três responsáveis comunistas altamente colocados na Rússia”, que tinham lido o testamento e “decorado as suas frases mais importantes”. Nas suas memórias, publicadas em 1964, Eastman recorda-se que Trotski, no XIII Congresso em 1924, “me puxou para um canto

⁵ Citação traduzida pelo editor do original russo incluído em *I.V. Stáline, Sotcheneni, Gossudarstvenoi Izdatelstvo Polititicheskoi Literaturi, 1949*) Tomo 10, págs 174-175. Este discurso foi publicado na edição do jornal *Pravda* nº 251, de 2 de Novembro de 1927.

⁶ Idem, págs. 172-173.

escondido do Palácio e transmitiu-me as frases mais importantes do testamento de Lénine.” (Numa nota dirigida a Stáline (...) Trotski assegura que não se encontrou com Eastman durante este período). Antes da publicação, Eastman mostrou o seu manuscrito a Christian Rakovski, um seguidor de Trotski que estava nessa altura em França. Rakovski concordou com a publicação. A responsabilidade pelas deturpações parece assim pertencer ao próprio grupo de Trotski.» (págs. 34/35)

Pensando que tinha aberto uma cova para Stáline, foi afinal Trotski que caiu nela, vendo-se obrigado a demarcar-se publicamente das mentiras e calúnias de Eastman, conforme a exigência do *Politbureau*.

No seu discurso sobre a oposição trotskista, Stáline cita uma longa passagem do artigo de Trotski, onde este afirma:

«Todas as cartas e propostas [de Lénine], como é evidente, foram sempre transmitidas aos seus destinatários, foram levadas ao conhecimento dos delegados do XII e XIII congressos do partido e, claramente, sempre tiveram a influência apropriada nas deliberações do partido, e se nem todas estas cartas foram publicadas, foi porque o seu autor não as destinou à imprensa. (...) Todas as conversas sobre um “testamento” ocultado ou violado são invenções malévolas dirigidas contra a vontade expressa por Vladimir Ilitch e contra os interesses do partido por ele construído.»⁷

Esta declaração equívaleu a um autodesmascaramento, já que era claro para todos que a fonte das «revelações» de Eastman só podia ser o próprio Trotski e o seu grupo. A desmontagem do «Caso Eastman» contribuiu para que falhasse miseravelmente a tentativa de utilizar a morte de Lénine para enfraquecer o PCUS através da luta pelo poder, e assim abrir caminho para a restauração capitalista.

E o mérito principal coube a Stáline. Foi uma sorte para o PCUS e para a URSS que, após a morte de Lénine, um homem como Stáline, que assumiu as ideias de Lénine como nenhum outro, estivesse disponível e possuísse a flexibilidade e dureza necessárias na luta de sobrevivência contra o cerco inimigo, especialmente depois de o imperialismo ameaçar com o assalto da Alemanha fascista.

Contei tão pormenorizadamente esta história antiga porque, depois da morte de Stáline (5 de Março de 1953), ela foi novamente desenterrada com o mesmo objectivo com que tinha sido usada por Trotski e os seus correligionários. Mais uma vez os imperialistas alimentaram a esperança de que, com a morte do odiado e temido dirigente dos bolcheviques, na inevitável situação de insegurança durante a formação de uma nova direcção, teriam a oportunidade de reverter as coisas a seu favor e colocar gente da sua escolha em postos-chave.

Conhecesse eu já nessa altura os *Arquivos Contemporâneos de Keesing* e acompanhasse as suas publicações e teria constatado mais rapidamente que Londres e Washington estavam muito satisfeitos com a nova direcção e depositavam nela grandes esperanças. É o que ressalta dos registos dessa época.

Num discurso de 16 de Abril, o novo presidente dos EUA, Eisenhower, declarou:

«O mundo sabe que com a morte de Stáline chegou-se ao fim de uma época (...) Agora uma nova geração dirigente chegou ao poder na URSS. Os fios que a ligam ao passado podem ainda ser muito fortes, mas já não significam porém nenhum compromisso firme.» (Pergunta: Como sabiam disto?). Eisenhower acrescentou: «A construção do futuro depende em muito da sua vontade (...) A nova direcção soviética tem assim a oportunidade única (...) de tomar consciência do grau de perigo que alcançámos e de que tem de fazer tudo, pelo seu lado, para mudar o curso da História.»

Churchill, em 11 de Maio de 1953 na Câmara dos Comuns:

«O acontecimento mais importante é, naturalmente, a mudança de posição e, como todos esperamos, do espírito que na área soviética, em especial no Kremlin, aconteceu depois da morte de Stáline (...) É política do Governo [britânico] evitar, através de todos os meios em seu poder, fazer ou dizer algo que possa impedir uma qualquer reacção favorável

⁷ Idem, pág. 174.

que possa aparecer, assim como saudar qualquer sinal de uma melhoria das nossas relações com a Rússia.»

Tivesse eu podido ler isto nessa altura e ter-me-ia certamente perguntado: que se passa? Qual origem de tanta esperança e simpatia perante a nova direcção no Kremlin? Terão lá alguém da sua confiança?

Mas não li, e por isso precisei de mais tempo para me confrontar com essas interrogações, suscitadas por uma série de acontecimentos entre 1953 e 1956, que, por razões de tempo, só posso aqui nomear. O que me fez estranhar e desconfiar, expliquei-o com bastante pormenor na introdução do meu livro, *A Crónica dos Pés de Lã*.

O primeiro motivo foi o comunicado da Direcção do SED sobre o «Novo Curso», publicado em 11 de Junho de 1953. (Pode ler-se pormenorizadamente sobre este assunto no meu livro, *Novamente o Revisionismo*, no artigo sobre o 17 de Junho de 1953.)

O segundo acontecimento que me surpreendeu e me deu a impressão que lá na URSS alguma coisa não estava a funcionar muito bem, foi a informação, em Dezembro de 1953, sobre o fuzilamento de Béria, membro destacado da nova «direcção colectiva», depois da morte de Stáline, juntamente com Malenkov, Molotov e Khruchov, agora condenado à morte sob acusação de ser um agente imperialista desde os tempos da guerra civil russa.

Terceiro, em Maio de 1955, a total reabilitação de Tito por Khruchov com a explicação de que todas as acusações desde 1948 eram invenções de inimigos do Estado e agentes do imperialismo – uma afirmação manifestamente falsa e que levantava a questão de qual era o verdadeiro objectivo desta mentira histórica. Afinal todo o mundo sabia que Tito conduzira a Jugoslávia para o Pacto dos Balcãs, no qual participaram a Turquia e a Grécia, membros da NATO e da aliança chefiada pelos EUA contra a URSS. Não menos conhecido era o facto de os EUA, que haviam decidido um rigoroso embargo de armamento aos países socialistas, não terem levantado nenhuma objecção ao fornecimento de armas ao Exército da Jugoslávia de Tito.

Quarto e, até agora, o mais desconcertante – o discurso de condenação de Stáline feito por Khruchov no XX Congresso em Fevereiro de 1956. Não só foi uma bofetada em todos nós, o contrário de tudo o que tínhamos ouvido na URSS sobre Stáline, lido e visto em filmes, e que também era exactamente o contrário do que até aí o próprio Khruchov tinha dito de Stáline, mas, principalmente, porém, este discurso continha não poucas evidentes inverdades, de tal forma que agora já me interrogava mais seriamente: quem é este Khruchov na verdade? Será possível, realmente, continuar a confiar nele?

Por fim, no Outono de 1956, nos dias da contra-revolução na Hungria, aconteceu o absolutamente incompreensível e indesculpável: o Exército Vermelho encontrava-se com os seus tanques no país e durante dias não interveio, deixando a escória fascista húngara, como nos dias da liquidação da República dos Conselhos em 1919, caçar os comunistas e pendurá-los nas árvores. A responsabilidade só podia pertencer à direcção, a Khruchov.

Mas o que se devia pensar de um homem que reabilitara e chamava de «caro camarada» a um favorito do imperialismo e inimigo provado da URSS como Tito, e que simultaneamente dera ordem ao Exército Vermelho para assistir, durante dias, ao assassinato dos camaradas húngaros?

No meu livro, *A Crónica de Pés de Lã*, descrevo como obtive a certeza de que, com Khruchov em secretário-geral do PCUS, o impensável se tornara realidade – um inimigo disfarçado de marxista-leninista chegara à direcção do partido de Lénine.

Esta constatação ainda hoje soa a alguns como monstruosa, mas depois da experiência de um Gorbachov como chefe do PCUS já não parecerá tão improvável e aventureira porque o impensável, afinal, não só era possível como se tornou perante todos nós numa triste realidade.

A questão que se coloca com maior urgência é sabermos como é que isto foi possível?

Passará ainda muito tempo até que estejamos em condições de dar uma resposta cabal a esta pergunta porque uma parte dela está escondida nos arquivos aos quais não teremos acesso tão brevemente. Contudo, já hoje podemos referir aspectos essenciais sobre o advento e vicejar do revisionismo.

Oportunismo e Revisionismo companheiros permanentes do movimento marxista dos trabalhadores

1. A luta de Stáline contra o desvio trotskista e oportunista da linha de Lénine (por razões de tempo só em apontamentos)

Luta de classes proletária – inauditamente dura.

Influências pequeno-burguesas permanentes na direcção: desviar a atenção das dificuldades, amenizar de contradições, evitar problemas.

Exemplo da II Internacional: como o movimento revolucionário se arruinou nela.

A luta pela construção da sociedade socialista nas condições do cerco inimigo imperialista só pode ser ter êxito e ser defendida através do combate duro e consequente não apenas contra o inimigo de classe, mas também contra oportunismo e revisionismo nas próprias fileiras.

Na Rússia Soviética esta luta foi conduzida desde o início:

1917: Decisão sobre a revolta armada contra a vontade de Zinoviev e Kamenev! Eles traíram o partido divulgando na imprensa burguesa a data da insurreição. Lénine exigiu a sua expulsão mas não teve o apoio da maioria.

1918: A paz de Brest foi decidida contra Trotski. A sua posição traidora: «Nem Guerra, nem Paz».

1920: Passagem do «comunismo de guerra» para a Nova Política Económica (NEP), defendida por Lénine. Por um lado: (por ex. Bukharine) «A NEP é a política económica do Estado Socialista a longo prazo» (cf. Huar, *Contribuições de Stáline para a Economia do Socialismo, Offensiv 8/02*, pág. 41 e segs.); posição contrária à de Lénine e Stáline: «A NEP é a política da ditadura do proletariado que aponta para a superação dos elementos capitalistas e a construção do socialismo através da utilização do mercado, mediante o mercado» (*Stalin, Obras*, Tomo 11, p. 128).

1922: Bukharine exige a supressão do monopólio do Estado no comércio externo. Lénine replica, decidido e acutilante: «Na prática Bukharine coloca-se na perspectiva da defesa dos especuladores, pequeno-burgueses e da classe alta do campesinato contra o proletariado industrial que decididamente não está em situação de reconstruir a sua indústria e tornar a Rússia num país industrializado se o país não se proteger através do monopólio do comércio externo, mas só de qualquer modo através da política de direitos alfandegários.» (*Lenin, Obras*, Tomo 33, pág. 444)

1928-31: Industrialização socialista. Stáline, em Fevereiro de 1931: «Estamos 50 a 100 anos atrasados em relação aos países mais avançados. Temos de percorrer esta distância em dez anos. Ou conseguimos fazê-lo ou seremos esmagados»⁸. Dez anos mais tarde – era o ano de 1941! Trotski, Zinoviev, Kamenev manifestam-se contra: «Nenhuma industrialização forçada é necessária nem possível». Em vez disso defendiam a instalação de mais fábricas estrangeiras em regime de concessão. (*Breve Curso de História do PCU (b)*, Cap. X, 1,2)

1928/29: Colectivização, passagem da política de limitação dos elementos *kulakes* para a política de liquidação dos *kulakes* enquanto classe. Muito no sentido de Rosa Luxemburgo, no seu discurso no congresso da fundação do KPD: «Seria uma loucura construir o socialismo sem agricultura. Na economia socialista, a indústria não pode ser de forma alguma remodelada sem uma reorganização socialista da agricultura.» (*Rosa Luxemburgo: Eu fui, eu sou, eu serei*, Berlim, 1958). Contra a colectivização e contra a liquidação dos *kulakes* enquanto classe destacou-se principalmente Bukharine, considerando que «tal não seria necessário porque os *kulakes* adaptar-se-iam pacificamente ao socialismo». (*Breve Curso de História do PCU (b)*, Cap. XI, 2). A verdade sobre a agudização da luta de classes

⁸ Idem, *Acerca das Tarefas dos Dirigentes Económicos: Discurso na I Conferência de Toda a União dos Trabalhadores da Indústria Socialista*, 14 de Fevereiro de 1931, idem, Tomo 13 (1951), pág. 38 (nota do editor).

no campo e a luta sem tréguas dos *kulakes* contra o poder soviético – ler não só o *Breve Curso de História do PCU (b)*, mas também Cholokhov, *Terras Desbravadas*.

1933: A chegada ao poder do fascismo na Alemanha provocou uma agudização da luta de classes não só internacionalmente mas também dentro da URSS. A Alemanha tornou-se na tropa de choque do imperialismo mundial contra a URSS.

1936: Intervenção germano-italiana em Espanha.

1938: Acordo de Munique.

Desenvolvimento contraditório na URSS: por um lado, a estabilização política e económica faz grandes progressos. Por outro, aumento do perigo de um assalto imperialista. A oposição trotskista vencida e Bukharine unem-se e passam da luta aberta para a conjura conspirativa.

Os progressos alcançados conduziram à decisão, em Fevereiro de 1935, de substituir a velha Constituição de 1924 por uma nova. A Comissão constituída para o efeito apresentou um projecto ao VIII Congresso dos Sovietes, em Novembro de 1936, que o aprovou para debate. (*Breve Curso de História do PCU (b)*, Cap. XII, 3.; Stáline, Obras, *Discurso sobre o Projecto de Constituição*, Tomo 14, pág. 57 e segs.); H.H. Holz: *Esta Constituição – Exemplo de uma Constituição de uma Sociedade Socialista*).

Na política externa: URSS adere à Sociedade das Nações em 1935, faz alianças militares com a França e a Checoslováquia, luta por um acordo de segurança colectivo contra um ataque da Alemanha fascista. É o único país a ajudar a Espanha republicana, inclusive militarmente.

Em simultâneo a luta da oposição radicaliza-se. Dezembro 1934: assassinio do primeiro-secretário do PCUS de Leninegrado, Serguei Kirov. As investigações do crime conduzem ao primeiro dos chamados «processos de Moscovo» em 1936. Réus: Trotski (no estrangeiro), Zinoviev, Kamenev e outros. (Sobre este e os processos seguintes ver *Breve Curso de História do PCU (b)*, Cap. XII, 4.; Ludo Martens, *Um outro olhar sobre Stáline*, pág. 166 e segs.; A.J. Wyschinsk, *Discursos no Tribunal*, Berlim, 1951, pág. 491 e segs.).

Stáline no Plenário do CC do PCUS, em 3 de Março de 1937:

«É necessário destruir e deitar fora a teoria putrefacta de que, a cada passo nosso em frente, a luta de classes deveria supostamente extinguir-se cada vez mais. (...)

Pelo contrário, quanto mais avançarmos, quantos mais êxitos alcançarmos, tanto maior será a raiva dos resquícios das classes exploradoras derrotadas, mais depressa adoptarão formas mais agudas de luta, maiores danos causarão ao Estado Soviético, tanto mais desesperados serão os seus meios de luta como o último recurso dos condenados.

É preciso ter em conta que os restos das classes derrotadas na URSS não estão sós. Têm o apoio directo dos nossos inimigos no estrangeiro».⁹

Esta foi uma avaliação e um aviso absolutamente acertados.

No entanto, no seu discurso secreto no XX Congresso, Khruchov acrescentou mais um ponto de acusação, afirmando que Stáline apenas quis com esta observação justificar as injustas repressões em massa.

A principal preocupação de Stáline era, porém, tornar o primeiro país socialista, obra de Lénine, tão forte que fosse capaz de resistir e vencer qualquer invasor imperialista. Para isso era preciso evitar que o inimigo externo pudesse ser ajudado pelo inimigo interno, por uma «quinta coluna» como a que ajudou Franco contra os defensores da República. Ele sabia como seriam tremendas as consequências da queda do poder soviético não só para o próprio país e povo, mas também para todos os povos oprimidos, para toda a Humanidade. Stáline, a 7 de Dezembro de 1926, no VII Plenário alargado do Comité Executivo da Internacional Comunista:

«Que aconteceria se o capital lograsse destruir a República dos Sovietes? Começaria uma época da mais negra reacção em todos os países capitalistas e coloniais, a classe trabalhadora e povos oprimidos seriam estrangulados, as posições do comunismo

⁹ Idem, *Sobre as Deficiências do Trabalho do Partido e as Medidas para a Liquidação dos Trotskistas e outros Dúplexes*, Tomo 14, pág. 166, Editora Pissatel, Moscovo, 1997, (nota do editor).

internacional seriam liquidadas.»¹⁰ Também esta foi uma previsão profética, cuja concretização vivemos hoje dolorosamente!

1939: desde o início do ano até Agosto a URSS esforçou-se por conseguir um pacto de ajuda mútua com a Inglaterra e a França contra a Alemanha nazi. As potências estrangeiras, porém, ignoraram o aviso de Stáline feito em 10 de Março de 1939, no XVIII Congresso:

«Pode pensar-se que as regiões da Checoslováquia dadas aos alemães foram o preço pela obrigação de estes iniciarem a guerra contra a URSS (...) Porém, é necessário salientar que o grande e perigoso jogo político iniciado pelos partidários da política de não-ingerência pode terminar num grave fiasco para eles próprios.»¹¹

Entre as tarefas do partido na área da política externa foi definido:

(...)«Manter a prudência e não permitir que os provocadores da guerra, habituados a que lhes tirem as castanhas do fogo, arrastem o nosso país para o conflito»¹².

Isto era claro, mas as potências ocidentais, que já tinham iniciado negociações secretas com a Alemanha nazi, subestimaram como sempre a URSS e a sua direcção. O castigo veio de imediato. A 23 de Agosto tomaram conhecimento da desoladora notícia, para eles, de que a URSS assinara um Pacto de Não-Agressão com a Alemanha. Stáline e os seus camaradas agiram, assim, no espírito de Lénine, que, em Novembro de 1920, afirmou:

«Para já os imperialistas estão sentados à espera de um momento favorável para destruir os bolcheviques. Mas nós adiámos esse momento (...) Mais ainda nos salvaria a situação se as potências imperialistas se envolvessem numa guerra. Se formos obrigados a tolerar um tal *lumpen* como os ladrões capitalistas, cada um dos quais afia a faca contra nós, então é nossa obrigação directa apontar esta faca contra eles.» (*In V.I. Lénine, Obras Completas*, Tomo XXV, Viena-Berlim, 1930, pág. 633 e segs.)

O Pacto de Não-Agressão foi o mais genial lance de xadrez de política externa socialista de longo alcance: a direcção soviética assumiu o risco provocar uma desorientação temporária nos partidos comunistas porque sabia que o principal objectivo da Alemanha de Hitler era e continuaria a ser a destruição da URSS; o assalto viria mais cedo ou mais tarde. E nessa altura, os países até aí invadidos por Hitler, independentemente da vontade dos governos, tornar-se-iam aliados da URSS.

O Pacto de Não-Agressão evitou o pior – uma coligação anti-soviética das potências ocidentais com a Alemanha de Hitler – e lançou a base para uma coligação anti-Hitler. Sem Pacto de Não-Agressão – nenhuma coligação anti-Hitler!

Será que Stáline confiou levemente em Hitler, como Khruchov afirmou? Avalia tu próprio!

Sobre os pontos principais de um discurso de Stáline perante finalistas da Academia Militar, em 5 de Maio de 1941, foi publicado no *Neuen Deutschland*, de 8/9 de Junho de 96, o artigo, *Factos contra Afirmações*, onde se lê o seguinte):

«A situação é extremamente grave. Temos de contar com um ataque alemão num futuro próximo. O Exército Vermelho ainda não está suficientemente forte para derrotar os alemães. Os dispositivos de defesa nas novas fronteiras são insuficientes. O governo soviético usará de todos os meios diplomáticos à sua disposição para adiar, pelo menos até ao Outono, um conflito armado com a Alemanha. Nessa época do ano já será tarde para um ataque alemão. Esta tentativa pode resultar, mas também pode falhar. Se resultar a guerra inevitável com a Alemanha decorrerá sem dúvida em condições muito mais favoráveis para nós, porque o Exército Vermelho estará então muito melhor formado e melhor armado.»

¹⁰ Idem, *Uma Vez Mais Sobre o Desvio Social-Democrata no Nosso Partido*, discurso no plenário alargado do Comité Executivo do Komintern, 7 Dezembro de 1926, Tomo 9, pág. 27, *Gossudarstvennoe Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi*, Moscovo, 1948 (nota do editor).

¹¹ Idem, Relatório ao XVIII Congresso sobre o Trabalho do CC do PCU(b), Tomo 14, pág.299, Editora *Pissatel*, Moscovo, 1997(nota do editor).

¹² Idem, *ibidem*, pág. 301

As afirmações inventadas de Khruchov sobre o suposto colapso de Stáline no dia da invasão já Jukov nas suas memórias tinha desmascarado como mentira. A verdade sobre Stáline no dia da invasão também se pode ler no *Diário de Dimitrov*. (Citado por mim em: *As Origens do Revisionismo Moderno*, pág. 17). Mais completo em U. Huar, *Contribuições de Stáline para a Teoria Militar e Política Marxista-Leninista 1941-1942/43*, in, *Offensiv* 14/03, pág. 24 e segs., e na *Colecção do KPD*, caderno 150.

Discursos de Stáline durante a Grande Guerra Pátria – (*Colectânea Sobre a Grande Guerra Pátria da União Soviética*) – excelentes análises da situação, previsões surpreendentemente rigorosas e uma poderosa fonte de força e confiança na vitória de todo o povo e Exército Vermelho.

No seu discurso de 3 de Julho de 1941¹³ também encontramos isto:

«Nesta guerra de libertação não estaremos sós. Nesta grande guerra teremos aliados fiéis nos povos da Europa e da América, incluindo o povo alemão (...) A nossa guerra pela liberdade da nossa Pátria fundir-se-á com a luta dos povos da Europa e América pela sua independência, pelas liberdades democráticas.»¹⁴

Nesta previsão só se enganou no que diz respeito à contribuição do povo alemão. Mas que adversário de Hitler não se enganou neste aspecto?

Encontramos também neste discurso as palavras de Stáline esclarecendo com insistência que esta era uma luta de vida ou de morte para a URSS, que teria de ser conduzida com total determinação e dureza:

«Temos de organizar uma luta implacável contra todos os desorganizadores da retaguarda, contra os desertores, instigadores de pânico, divulgadores de boatos (...) Temos de ter presente que o inimigo é pérfido, astuto, experimentado na mentira e na divulgação de falsos boatos (...) Todos os que pelo seu pânico e cobardia dificultarem a defesa do país devem de imediato ser julgados em tribunal militar, sem consideração pela sua pessoa.»¹⁵

Inesquecível e com autêntico significado histórico é o discurso de Stáline de 6 de Novembro de 1941, no aniversário da Revolução de Outubro: as tropas alemãs estavam às portas de Moscovo, Hitler já se tinha vangloriado de que nos próximos dias a bandeira da cruz suástica flutuaria no Kremlin. Faria Stáline o seu discurso como nos outros anos? Estaria ele ainda em Moscovo ou, como grande parte do governo soviético, mudara-se para Kuibishev?

Stáline estava em Moscovo e foi ali que teve lugar, em 6 de Novembro, uma reunião comemorativa do aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro e, a 7 de Novembro, a tradicional parada na Praça Vermelha. Nessa reunião, que devido ao perigo de ataque aéreo se realizou na estação de metro Maiakovski, Stáline debruçou-se sobre as causas dos insucessos temporários do exército soviético, mas constatou que a guerra-relâmpago do exército alemão falhara e a sua derrota era inevitável.

«Os invasores alemães querem fazer uma guerra de extermínio com os povos da URSS. Pois então, se os alemães querem uma guerra de extermínio, tê-la-ão!». Stáline, que também falou às tropas reunidas no dia 7 de Novembro na Praça Vermelha, de onde seguiram directamente para a frente de batalha nos arredores de Moscovo, terminou o seu discurso com uma frase que se tornou no lema da Guerra Pátria: «A nossa causa é justa – a vitória será nossa!»¹⁶

Os discursos de Stáline nestes dias foram para o povo soviético, o seu exército e para além disso para os povos lutadores contra Hitler uma fonte de enorme força e confiança na vitória. A escritora soviética, Vera Inber, testemunha-o no seu diário sobre o cerco a Leninegrado, que foi publicado com o título, *Quase Três Anos*:

¹³ Idem, *Discurso Radiofónico*, transmitido em 3 de Julho de 1941, Tomo 15, págs. 56-61, Editora *Pissatel, Moscovo, 1997* (nota do editor).

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ Idem, *Discurso na Sessão Solene do Soviete Deputados Trabalhadores com Organizações Sociais e do Partido da Cidade de Moscovo*, 6 de Novembro de 1941, *ibidem*, pág. 79 (nota do editor).

«Só ouvi na rádio a segunda parte do discurso de Stáline. (...) A qualidade da recepção era espantosamente boa. Era como se Stáline estivesse no mesmo prédio, na mesma sala que nós. (...) A voz de Stáline é indescritivelmente dominadora. Sente-se que sabe do que fala e nunca dirá nada contra a sua consciência. Falou calmamente e com segurança sobre as nossas relações com os aliados. Sobre a vitória – com inabalável certeza. Na vitória também ninguém duvida. Pergunta-se só quando chegará. Mas depois deste discurso este “quando” ficou mais próximo.» (Editora SWA, 1947, pág. 51 e segs.)

Até comunistas na Alemanha ouviram este discurso. Um membro clandestino da organização berlinense do KPD relatou:

«De repente os nossos camaradas que ouviam estações de rádio estrangeiras apanharam a feliz notícia do 7 de Novembro, sobre a qual hoje só posso escrever com uma grande comoção interior. A parada realizava-se na Praça vermelha e o camarada Stáline proferiu um discurso dirigido aos presentes e todo o povo soviético. Os nossos camaradas conseguiram transcrever quase todo o discurso assim como as partes mais importantes da sua intervenção na reunião do Soviete de Moscovo de 6 de Novembro. (...) Foi o dia mais feliz na vida da nossa organização desde o início da maldita guerra. Cada um de nós sentia-se com novas forças. Tudo o que até aí nos perturbava tornou-se compreensível e claro.» (*Alemanha na II Guerra Mundial*, Tomo 2, *Akademie Verlag*, Berlim, 1976, pág. 63.).

O discurso de Stáline em 9 de Fevereiro de 1946, na Assembleia de Eleitores, inclui, entre outros, duas importantes constatações:

Primeiro, sobre o carácter da Segunda Guerra:

(...) A Segunda Guerra Mundial contra os estados do eixo, diferenciando-se da Primeira Guerra, adquiriu logo desde o início o carácter de uma guerra antifascista, libertadora (...) A entrada da URSS na guerra contra os estados do eixo só podia reforçar – e efectivamente reforçou – o carácter antifascista e libertador da Segunda Guerra.»

Segundo, sobre a URSS:

«A guerra submeteu a uma espécie de exame o nosso sistema soviético, o nosso Estado, o nosso Governo, o nosso Partido Comunista e fez o balanço do seu trabalho, como se nos dissesse: eis as vossas gentes e organizações, os seus feitos e as suas vidas – observai-as atentamente e recompensai-as pelos seus méritos. (...)

Quais são então os resultados da Guerra?

(...) A nossa vitória significa antes de mais que a nossa ordem social soviética venceu, que a ordem social soviética resistiu à prova de fogo da guerra e demonstrou a sua total viabilidade, (...) que a ordem social soviética se revelou mais estável e viável do que a ordem social não-soviética, que a ordem social soviética constitui uma forma de organização da sociedade melhor do que qualquer outra ordem social não-soviética.

A nossa vitória significa, em segundo lugar, que venceu o nosso sistema *estatal* soviético, que o nosso estado soviético multinacional resistiu a todas as provas da guerra e demonstrou a sua viabilidade (...) que o Estado soviético revelou-se um exemplo de um Estado multinacional, que o Estado soviético representa um sistema de organização estatal, onde a questão nacional e o problema da cooperação das nações se encontram melhor resolvidos do que em qualquer outro estado multinacional.(...)

É assim que entendemos a vitória concreta do nosso país sobre os seus inimigos.»¹⁷

Em 1945 nem sequer os inimigos da URSS se atreviam a pôr em causa a verdade destas afirmações. E muito menos a um comunista passaria pela cabeça fazer afirmações como as que infelizmente hoje se podem ler também em publicações do DKP, de que é exemplo a seguinte: «a história demonstrou que “o modelo soviético” foi um modelo desadequado à construção do socialismo.»

Só pode espantar que haja comunistas que não conseguem reconhecer que a URSS de Khruchov, Brejnev e Gorbatchov, que colapsou como uma casa podre, era uma URSS muito

¹⁷ Idem, *Discurso na Assembleia de Eleitores do Círculo Stáline da Cidade de Moscovo*, em 9 de Fevereiro de 1946. Tomo 16, págs.8-10, Editora *Pissatel*, Moscovo, 1997 (nota do editor).

diferente da que passou vitoriosamente o exame mais duro que existiu na História para um Estado e uma ordem social.

O papel de Stáline na nova configuração do mundo depois da vitória sobre o fascismo

1. Ajuda soviética na vitória das forças populares na Jugoslávia, Polónia, Checoslováquia, Hungria, Bulgária, Roménia, Albânia. Sobre isto ler: *Colectânea de Documentos Teerão – Ialta – Potsdam e Correspondência entre Stáline e Churchill, Atlee Roosevelt e Truman, 1941-1945*.

2. Muito importante o papel de Stáline na elaboração da Carta das Nações Unidas. Só porque a URSS socialista e Stáline pessoalmente lutaram persistentemente, com êxito, pela configuração democrática da Carta das Nações Unidas, a ONU pôde até hoje desempenhar um papel muito mais positivo do que a antiga Sociedade das Nações.

As novas armas do imperialismo na luta contra a URSS e o socialismo:

Primeiro, as armas atómicas. Segundo, o novo revisionismo: Browder, Field, Tito. (informação mais completa em *As Origens do Revisionismo Moderno*, in, *Offensiv* 10/03, pág. 80 e segs.).

A anulação destas novas armas por Stáline:

Sobre a bomba, ver Truman e Stáline na Conferência de Potsdam (*idem*, pág. 82). Hiroshima e Nagasaki (6 e 9 de Agosto de 1945). A bomba atómica soviética foi anunciada em 25 de Setembro de 1949! O monopólio americano foi quebrado! A chantagem atómica tornada impossível!

Sobre o «revisionismo moderno» (*idem*, pág. 82 e segs.). A acção da Jugoslávia de Tito transformada num «contra-centro» à URSS foi denunciada na declaração do *Bureau* de Informação de Junho de 1948 – uma «vacina» para todos os países comunistas e países socialistas. (*idem*, pág. 84 e seg.)

Khruchov ajudou o imperialismo com a sua difamação de Stáline. Khruchov conseguiu infectar o movimento comunista com o anti-stalinismo, sobretudo através de afirmações caluniosas sobre a alegada liquidação arbitrária de inocentes em massa. (Contra estas calúnias existe com muito material factual: Ludo Martens, *Um outro olhar sobre Stáline*, capítulo, «A grande depuração»; Gossweiler, *Contra o Revisionismo*, Munique, 1997, e o artigo, *Revisionismo – Coveiro do socialismo*, in, *Offensiv* 2/04)¹⁸.

O «relatório secreto» de Khruchov – uma violação do XX Congresso

Não só o conteúdo mas também as circunstâncias em que o discurso foi feito e divulgado provam que o discurso foi um ataque inimigo ao partido e ao poder soviético! Como assim?

1. Khruchov impôs este discurso de forma putchista já no final do Congresso. Lazar Kaganovitch, participante na Revolução de Outubro e membro da direcção do partido e da direcção do Estado até 1957, conta nas suas memórias como Khruchov surpreendeu o Congresso:

«O XX Congresso aproximava-se do seu fim. De repente, fez-se uma pausa. Os membros do *Presidium* são chamados ao quarto nas traseiras que servia para descansar. Khruchov coloca a questão de ler no Congresso o seu relatório sobre o culto da personalidade de Stáline e as suas consequências. Nesse momento é-nos distribuído um livrinho encadernado a vermelho impresso em tipografia – era o projecto de texto do relatório.

A reunião decorreu em circunstâncias anormais – estávamos apertados, alguns sentados, outros em pé. Era difícil ler em pouco tempo aquele caderno volumoso e reflectir sobre o seu conteúdo para se poder tomar uma decisão de acordo com as normas da

¹⁸ Artigo disponível em português em www.hist-socialismo.net (nota do editor).

democracia interna partidária. Tudo isto em meia hora, uma vez que a ordem de trabalhos do Congresso já estava concluída e os delegados permaneciam sentados na sala à espera de algo que desconheciam.

Refira-se que já antes do XX Congresso, o *Presidium* do CC tinha analisado a questão das repressões ilegais e dos erros cometidos. O *Presidium* do CC constituiu uma Comissão encarregada de investigar os processos dos reprimidos, incluindo deslocações às regiões, formular conclusões gerais e propostas concretas. Após o debate desta questão no *Presidium* ficou previsto reunir o Plenário do CC, a seguir ao XX Congresso, para ouvir o relatório da Comissão e as respectivas propostas.

Foi exactamente sobre isto que falaram os camaradas Kaganovitch, Molotov, Vorochilov e outros ao apresentarem as suas objecções. Além disso, os camaradas disseram que, simplesmente, não podíamos trabalhar ali a redacção do relatório [de Khruchov] e efectuar as correcções que eram necessárias. Dissemos que mesmo uma leitura superficial mostrava que o documento era unilateral e erróneo. A acção de Stáline não podia ser vista só de um lado, era necessário mostrar de forma mais objectiva toda a sua obra positiva para que os trabalhadores percebessem e pudessem rechaçar as especulações dos inimigos do nosso partido e do nosso país.

A reunião prolongava-se, os delegados [na sala] impacientavam-se, e por isso terminámos sem nenhuma votação e voltámos ao Congresso. Foi então anunciado como aditamento à ordem de trabalhos a leitura do relatório de Khruchov sobre o culto da personalidade de Stáline.

Depois do relatório não houve nenhuma discussão, o Congresso terminou o seu trabalho.»¹⁹ (citado em *Crónica dos Pés de Lã* I, p. 18)

2. O relatório de Khruchov sobre a diabolização de Stáline não foi, afinal, nenhum documento do partido, mas sim o trabalho de um grupo inimigo do partido, que – como o prova a distribuição do relatório já preparado e impresso apesar de não estar previsto na ordem de trabalhos – planeou cuidadosamente em todos os pormenores a violação do Congresso. Como não era nenhum documento do Congresso, o relatório nunca foi publicado na URSS até à chegada de Gorbachov ao poder²⁰.

3. Todavia, Khruchov e os seus cúmplices rapidamente trataram da divulgação do «relatório secreto» em todo o mundo através do *New York Times*.

4. Outra singularidade foi quando um correspondente desse jornal, Turner Catledge, numa entrevista em 14 de Maio de 1957, perguntou a Khruchov se o texto publicado no NYT coincidia com o seu relatório, Khruchov negou o seu relatório, classificando o texto do NYT como uma fabricação da CIA (com o que, possivelmente, até disse a verdade, revelando involuntariamente os que participaram, pelo menos como conselheiros, neste *putsch* contra o partido).

Khruchov declarou: «Não sei de que texto fala. Ouvi dizer que tinha sido publicado um texto nos EUA fabricado pelos serviços secretos americanos e apresentado como sendo o meu relatório ao XX Congresso. Todavia, as publicações de Allan Dulles não têm prestígio algum na URSS. E eu não tenho nenhum desejo de ler literatura fabricada por Allan Dulles». (in, *Documentação da Época*, Caderno 144, 20 de Junho de 1957. Citado na *Crónica dos Pés de Lã*, tomo I, pág. 299).

Se o objectivo de Khruchov não fosse destruir definitivamente a autoridade de Stáline para não ser constantemente comparado a ele e para ter o caminho livre para a sua mudança de curso contra-revolucionária; e se não estivesse também nos seus objectivos desferir um golpe mortal na convicção dos cidadãos soviéticos na justeza da sua causa e no orgulho do seu poder soviético; se tivesse realmente só a intenção de fazer justiça às vítimas

¹⁹ Citação traduzida pelo editor do original russo, *Lazar Kaganovitch, Pamiatnie Zapiski, Vagrius, Moskva*, 2003, págs. 570-571.

²⁰ O *Relatório Sobre o Culto da Personalidade e suas Consequências* foi publicado pela primeira vez na União Soviética na revista *Izvestia TsK KPSS*, N.º 3, Março de 1989 (nota do editor).

inocentes da «depuração» e apresentar a verdade histórica sobre o período das repressões, então teria de ter dito no seu relatório o seguinte:

«Em 1936, depois da implantação da ditadura fascista na Alemanha, depois do rearmamento da Alemanha fascista com a tolerância e até ajuda das potências ocidentais, depois da traição das potências ocidentais à República Espanhola, encontrávamo-nos perante o perigo de sermos invadidos pela Alemanha fascista – possivelmente até com o acordo das potências ocidentais – e de nos vermos sós perante o poder militar mais poderoso de toda a história da guerra, que dispunha de um “quinta coluna” de traidores e colaboradores que ajudavam o exército fascista na retaguarda dos países assaltados, como já sabíamos da guerra de Espanha e que mais tarde se viria a repetir na Noruega e na França.

O Acordo de Munique, a entrega da Checoslováquia a Hitler e recusa das potências ocidentais em fazerem um acordo conosco sobre segurança colectiva e ajuda mútua contra a Alemanha de Hitler são factos que demonstraram a que ponto era grande o perigo de invasão. A nossa preparação para o assalto fascista tinha por isso que incluir também a eliminação da possibilidade da formação de uma “quinta coluna” no nosso interior. Havia e ainda há entre nós inimigos da URSS, *kulakes* por nós expropriados e seus descendentes, resquícios de grupos trotskistas e de outros grupos oposicionistas vencidos – Trotski tinha apelado repetidamente nas suas publicações à sublevação contra o “stalinismo” em caso de guerra; além disso alguns grupos da população simpatizavam com os alemães, por exemplo, os alemães do Volga ou nacionalidades como os tártaros da Crimeia ou os tchechenos.

Ou seja, perante a ameaça mortal, tínhamos de fazer tudo para tornar impossível aos inimigos do poder soviético apoiarem o assalto fascista em quintas colunas no interior.

Tínhamos de prever e aceitar como inevitável que, em depurações de tão grande dimensão como as que considerávamos necessárias, não era de excluir que também inocentes – seja por causa de falsas acusações intencionais de elementos inimigos, seja por excesso de zelo dos órgãos locais, seja pela utilização de uma quadrícula demasiado genérica – seriam atingidos em número considerável pelas medidas, como veio a acontecer.

Mas nessa época tivemos de avaliar o que era mais importante: se não tomássemos medidas de segurança o poder soviético sucumbia, se as tomássemos corríamos o risco de atingir não só os verdadeiros inimigos, mas até gente nossa. O Partido decidiu-se pela obrigação de proteger o poder soviético, colocando-a acima de todas as outras obrigações.

Agora, porém, é chegado o tempo de esclarecer e reparar as injustiças cometidas.»

Assim ou algo de parecido teria sido uma honesta posição comunista sobre o lado mais doloroso da história da URSS.

Um apontar de culpa comunista, isto é, com verdade, seria falar claramente destas vítimas inocentes, do seu sofrimento e morte, assim como dos 25 milhões de soldados e civis soviéticos e dos 50 milhões de pessoas que morreram na II Guerra Mundial, da responsabilidade dos que colocaram a direcção soviética perante uma decisão tão cruel – da responsabilidade de Hitler e do imperialismo alemão, em primeiro lugar, e, em segundo, dos que rearmaram a Alemanha de Hitler para a dirigir como ponta de lança contra a URSS, fazendo fracassar a possibilidade de uma aliança de segurança colectiva.

Todavia, em vez de agir deste modo, a direcção do PCUS optou por considerar Stáline como um assassino de massas, assumindo assim as mentiras da propaganda anti-soviética, até aí só divulgadas pelos *media* ocidentais, cozinhadas pelos especialistas imperialistas em condução de guerra psicológica.

É esta a razão de, ainda hoje, comunistas honestos e convictos reproduzirem sem reflectir a calúnia envenenada de que Stáline matou mais comunistas do que Hitler.

A verdade é que todos os comunistas, todos os lutadores contra o fascismo e todos os judeus que sobreviveram na Europa ocupada pelo fascismo, o devem, em primeiro lugar, à URSS, ao Exército Vermelho e assim também a Stáline.

Antigamente as pessoas no mundo inteiro tinham consciência disso. E mesmo os adversários imperialistas da dimensão de um Churchill não podiam deixar de reconhecer a dimensão histórica de Stáline:

«Ele era uma personalidade eminente que se tornou imponente nos nossos tempos cruéis desse período, no qual decorreu a sua vida. Stáline era um homem de invulgar energia, erudição e com uma força de vontade inquebrantável, acutilante, rigoroso, implacável tanto nos actos como no discurso, de tal modo que até eu, treinado no parlamento inglês, nada lhe podia contrapor (...). Nas suas obras transparece uma força titânica. Esta força era tão grande em Stáline que ele parecia sem igual entre os dirigentes de todos os tempos e de todos os povos (...) A sua influência sobre as pessoas era irresistível. Quando entrou no salão da Conferência de Ialta, todos nós, literalmente no mesmo instante, levantámo-nos. E, estranhamente, colocámo-nos em sentido. Stáline possuía uma sabedoria profunda, livre de quaisquer pânicos, lógica e sensata. Era uma mestre insuperável a encontrar nos momentos difíceis uma saída para a situação mais desesperada (...) Este era um homem que destruía o seu inimigo com as mãos dos seus inimigos, obrigou-nos a nós próprios, aos quais abertamente chamava imperialistas, a combater contra os imperialistas (...) Ele recebeu a Rússia da charrua e deixou-a equipada com a bomba atómica.» (Citado por Nina Andreieva no seu artigo, *Não Posso Renunciar aos Meus Princípios*, ND, 2/3.04.1988).²¹

Como puderam os revisionistas vencer os leninistas na URSS?

Não devo e não posso dar aqui uma resposta completa a esta questão. Quero, no entanto, referir alguns pontos que me parecem importantes.

Nas conferências dos partidos comunistas e partidos dos trabalhadores de 1957 e 1960, o revisionismo moderno foi declarado como o perigo principal e caracterizado nos seus traços mais importantes. Assim, lemos na declaração da Conferência de 1957:

«O revisionismo moderno empenha-se em desacreditar o marxismo-leninismo, declara-o “envelhecido” e afirma que perdeu hoje o seu significado no desenvolvimento social.

Os revisionistas empenham-se em suprimir o espírito revolucionário do marxismo e abalar a convicção da classe trabalhadora e do povo criador no socialismo. Combatem a necessidade histórica da revolução proletária e da ditadura do proletariado na transição do capitalismo para o socialismo, negam o papel dirigente do partido marxista-leninista, recusam os princípios do internacionalismo proletário, exigem a renúncia aos princípios básicos leninistas da construção do Partido, e principalmente ao centralismo democrático, exigem que o partido comunista se transforme num género de clube de discussão e deixe de ser uma organização de luta revolucionária.»

Esta descrição é muito útil para o reconhecimento do revisionismo moderno mas também tem dois grandes defeitos.

O primeiro é que omite uma característica muito importante do revisionismo: a camuflagem que faz do insanável carácter inimigo da paz do imperialismo e da sua hostilidade intrínseca ao socialismo; a ilusão que propaga de que é possível trabalhar a longo prazo com o imperialismo e estabelecer uma convivência pacífica com o socialismo.

Esta ilusão é fatal para o socialismo porque pode levar, e na verdade levou, à aceitação de uma tolerante política de desarmamento voluntário e por fim à sua auto-entrega ao inimigo mortal.

Após o fim da II Guerra Mundial, a divulgação desta ilusão no movimento comunista e na URSS foi favorecida por várias circunstâncias, de que são exemplo:

1. A coligação anti-Hitler, que originou ilusões sobre uma mudança do imperialismo e sobre o desaparecimento das contradições antagónicas entre imperialismo e socialismo.
2. O cansaço da guerra e o anseio de paz das pessoas.
3. O surgimento das armas atómicas, que forneceu o argumento revisionista de que a paz só pode ser assegurada com o imperialismo e não contra ele pareceu bastante convincente.

²¹ Citação traduzida pelo editor do original russo citado, publicado no jornal *Sovietskaia Rossia*, em 13 de Março de 1988.

O segundo grande defeito é a ausência da identificação clara dos representantes destas concepções. Se características do conteúdo do revisionismo são apontadas, os nomes e moradas dos revisionistas mais destacados são silenciados.

Se tivessem sido nomeados, o nome de Khruchov teria de aparecer em primeiro lugar, juntamente com o de Tito.

No XX Congresso, Khruchov declarou o marxismo-leninismo ultrapassado quando defendeu a possibilidade da via parlamentar para o socialismo!

Abalou a convicção na natureza justa do socialismo ao apresentar a URSS como um país que desde 1924 fora conduzido por um criminoso e assassino de massas.

Declarou dispensável a revolução proletária e a ditadura do proletariado ao anunciar na URSS a sua substituição pelo «poder de todo o povo».

Emprestou o título de marxistas-leninistas de confiança a revisionistas como Tito e Gomulka, que negavam a necessidade do papel dirigente do partido comunista na construção do socialismo.

Renunciou aos princípios do internacionalismo proletário quando, em 1955, juntamente com Tito, assinou a declaração soviético-jugoslava de Belgrado, na qual, entre outras coisas, se afirma: «As questões da organização interna, da diferença nos sistemas sociais e nas formas concretas do desenvolvimento do socialismo são assuntos exclusivos dos povos de cada país.»

Isto foi a bênção de Khruchov ao chamado «comunismo-nacional» tito-revisionista.

Mas Tito continuou sem ser denunciado e a poder apresentar-se como um lutador contra o revisionismo.

Na Conferência dos Partidos Comunistas e de Trabalhadores de 1960, em Moscovo, foi finalmente quebrado o anonimato da acusação de revisionismo. A declaração final contém uma dura denúncia e condenação do revisionismo de Tito. Todavia, o revisionista mais perigoso de todos, Khruchov, foi poupado:

«Os partidos comunistas condenam unanimemente o oportunismo internacional de estilo jugoslavo, que representa uma expressão concentrada das “teorias” do revisionismo moderno. Os dirigentes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, que traíram o marxismo-leninismo ao classificá-lo de envelhecido, contrapuseram à Declaração de 1957 o seu programa antileninista [o “Programa de Laibach” de 1958, K.G.], arrancaram o seu país do campo socialista, tornaram-no dependente da chamada ajuda dos americanos e de outros imperialistas e com isto colocaram o povo jugoslavo em perigo de perder as conquistas revolucionárias da sua luta heróica. Os revisionistas jugoslavos fazem um trabalho de sapa contra o campo socialista e o movimento comunista mundial. Sob o pretexto de uma política livre dos blocos, desenvolvem uma acção que rompe a unidade de todas as forças e estados amantes da paz.

Continuar a desmascarar os dirigentes dos revisionistas jugoslavos e defender activamente o movimento comunista assim como o movimento dos trabalhadores contra as ideias antileninistas dos revisionistas jugoslavos é, hoje como antes, uma tarefa imprescindível dos partidos marxistas-leninistas.»

Esta exigência era mais do que justa, mas veio muito tarde. O que aqui (em 1960!) era exigido – o desmascaramento de Tito como revisionista e a defesa do movimento comunista contra as ideias antileninistas dos revisionistas jugoslavos – já tinha sido feito 12 anos antes pelos partidos comunistas do *Bureau* de Informação (PCUS, Partido dos Trabalhadores Polaco, Partido dos Trabalhadores Húngaro, PC da Checoslováquia, Partido dos Trabalhadores Búlgaro, PCF e PCI), na sua resolução de Junho de 1948, *Sobre a Situação no Partido Comunista da Jugoslávia*.

Mas já vimos que Khruchov, em 1955, com a total reabilitação de Tito, tornara ineficaz esta vacina necessária a todo o movimento comunista, como a Conferência de 1960 tão insistentemente confirmou. Khruchov considerou Tito um vítima das difamações de inimigos do partido e agentes imperialistas, transformando-o quase num santo inocente perseguido. E Stáline, que agira exactamente no espírito do era exigido na Declaração de 1960, foi também por isso vilipendiando por Khruchov no XX Congresso como perseguidor

do inocente Tito. Como cumpriu Khruchov a exigência da Conferência dos Partidos Comunistas e de Trabalhadores de 1960? De forma nenhuma!

Fez exactamente o contrário. Promoveu a ruptura com os que combatiam o revisionismo de Tito, como a China e a Albânia, e lançou uma campanha de propaganda sem igual contra estes dois países socialistas irmãos. Logo no Congresso de 1960 atacou maciçamente a Albânia e a China. Porém, o Congresso teve um desfecho muito diferente do que ele tinha planeado. Era sua intenção reabilitar totalmente a Jugoslávia e sentar no banco dos réus a República Popular da China. Para isso foi feita uma nota de acusação contra o Partido Comunista Chinês, que foi distribuída a todas as delegações antes do início dos trabalhos. Mas apesar dos seus esforços não conseguiu evitar um completo fracasso! O que saiu do Congresso foi uma condenação do seu protegido Tito. Isto foi para ele um acidente de percurso que tinha de ser rapidamente corrigido: acabar com os desmascaramentos dos revisionistas de Tito, e abrir fogo total contra Mao e Enver Hoxa, contra a China Popular e a Albânia!

Por que teve êxito? Uma razão essencial foi porque Khruchov conseguiu impor as suas posições, como já acontecera na Conferência de 1957, recuperando a declaração aqui aprovada que estava imbuída do espírito do XX Congresso.

Sobre isto escreveu o PC da China no seu documento de 14 de Junho de 1963, *Uma Proposta para a Linha Geral do Movimento Comunista Internacional*: «Muitas das posições erradas da proposta de declaração da direcção do PCUS foram recusadas (...) Também a delegação do PC da China e as delegações de alguns outros partidos fizeram algumas cedências depois de os dirigentes do PCUS se mostrarem de acordo em abandonar alguns pontos de vista e adoptar as posições correctas dos partidos irmãos. Assim por exemplo, as nossas opiniões foram divergentes (...) na questão do XX Congresso do PCUS, mas, tendo em conta as necessidades do PCUS e de outros partidos irmãos, demos o nosso acordo em utilizar nestas (...) questões a mesma formulação da Declaração de 1957.» (*In, A polémica sobre a Linha Geral do Movimento Comunista Internacional*, reeditado por KAZ, 1993, a partir da edição da Oberbaum, Berlim, 1971).

A mencionada formulação é a seguinte: «As deliberações históricas do XX Congresso do PCUS têm enorme importância não só para o PCUS e a construção comunista na URSS, mas marcam também uma nova etapa no Movimento Comunista Internacional e contribuem para o seu posterior desenvolvimento na base do marxismo-leninismo.»

Para manter a unidade, os partidos que se encontravam em posições diferentes e mesmo antagónicas aceitaram esta espécie de negócio: tu aceitas a minha formulação nesta parte e eu também admito a tua noutra. Na verdade, com isto apenas se transmitiu uma falsa aparência para o exterior de uma unidade inexistente – uma actuação que não só ignorou a exigência de Lénine, como também a desrespeitou claramente: as contradições existentes em questões essenciais têm de ser discutidas e não devem ser remendadas com cola!

Segundo o testemunho de Enver Hoxa no seu livro, *Os Khruchovianos* (pág. 502), Krutchov declarou na altura: «O documento foi um compromisso e compromissos têm vida curta.» Revelou assim que não tinha a mínima intenção de cumprir com o que não concordava. Ele queria levar até ao fim o que houvera iniciado em 1953, atingindo um primeiro momento alto em 1956. A sua queda em 1964 impediu temporariamente os seus intentos. Mas haveria sucessores para concluir a sua obra destruidora. Tais como Gorbatchov, classificado como da «Geração do XX Congresso» por Fiodor Burlatski, um dos admiradores e autor de discursos de Khruchov (no seu livro, *Khruchov. Um Retrato Político*», Düsseldorf, 1990, pág. 13). Gorbatchov foi o Khruchov dos anos 80 e 90, assim como Khruchov foi o Gorbatchov dos anos 50 e 60.

Conferência realizada em Bernburg, 27 de Março de 2004²²

²² Nota do editor: Do texto original foi retirada a última parte, *Notas Finais*, já integralmente incluída pelo autor no artigo, *Revisionismo – Coveiro do Socialismo*, também disponível em www.his-socialismo.net